

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE UNIVERSITÁRIOS TIKUNA: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO DO CONTATO PORTUGUÊS/TIKUNA

Ana Letícia Ferreira de Carvalho

Orientador: Xoán Carlos Lagares Diez

Dissertação recente/FAPEAM

RESUMO: A língua Tikuna é falada por uma grande população que vive na Região Amazônica e se distribui por três países fronteiriços: Brasil, Colômbia e Peru. Nessa região encontra-se a cidade de Tabatinga, que mantém um polo da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, denominado Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB. Com as cotas para as etnias indígenas oferecidas pela UEA e, com a presença das Universidades Estadual (em Tabatinga-AM) e Federal (no município vizinho Benjamin Constant-AM), o acesso ao ensino superior é viabilizado aos indígenas que têm o Português como segunda língua (L2). Por se tratar de uma região que se caracteriza pela diversidade étnica e linguística de sua população, este trabalho buscou analisar as atitudes linguísticas dos Tikuna, no contato com a língua Portuguesa. Diante desse contexto, procuramos verificar como encontrava-se a atual situação dessa língua indígena nesse cenário, seus usos, sua função social, entre outros. Seguindo os pressupostos da teoria sociolinguística, de teóricos tais como Weinreich (1970 [1953]), Fishman (1972), Appel e Muysken (1996) e Hamel (1988), discutimos as atitudes linguísticas de universitários Tikuna, na situação de contato Português/Tikuna. Numa análise qualitativa dos dados, chegamos à conclusão de que a língua Tikuna, apesar do contato intensivo com a língua Portuguesa em diversos âmbitos linguísticos, vem se mantendo, pois é uma das principais marcas identitárias desse grupo. Nesse sentido, a passagem da língua Tikuna para as próximas gerações tem garantido a sobrevivência dessa língua. As atitudes manifestadas são de modo geral, positivas, em relação à língua Tikuna. Eles demonstram ter para com ela um forte sentimento afetivo e a relacionam como símbolo de sua identidade étnica. O fator econômico é um dos mais enfatizados em suas escolhas, no sentido da mobilidade social, pois é necessária para atender às demandas atuais como conseguir um emprego, ingressar em uma Universidade, entre outros. Foram encontrados dois (02) casos de monolinguismo em Português e dois (02) casos de bilinguismo simultâneo,

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes Linguísticas, Contato Linguístico Tikuna/Português, Manutenção Linguística.

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa centra-se em discutir as atitudes linguísticas de universitários Tikuna, na situação de contato Português/Tikuna. Nessa perspectiva, procuramos verificar se tais atitudes, usos e comportamentos linguísticos nos diversos domínios/âmbitos em que os Tikuna interagem, apontavam elementos para a manutenção/substituição da sua língua indígena. Quanto à língua Tikuna, conforme Soares (2008), esta é autóctone, caracterizada como tonal, portadora de complexidades do ponto de vista linguístico (complexidades fonológicas e sintáticas). É falada por uma grande população que vive na região amazônica e se estende por três países fronteiriços: Brasil, Colômbia e Peru.

Com as cotas para as etnias indígenas oferecidas pela UEA e, com a presença das universidades estadual (em Tabatinga-AM) e federal (no município vizinho Benjamin Constant-AM), o acesso ao ensino superior é viabilizado aos indígenas através de vestibular feito exclusivamente em língua portuguesa, já que a Instituição não oferta o ensino bilíngue. Por essa razão, só é possível atender aqueles indígenas que têm o Português como segunda língua (L2). A maioria desses estudantes são oriundos da comunidade Tikuna de Umariáçu, que se divide em Umariáçu I e II, localizada no Município de Tabatinga-AM. Essa comunidade possui uma população de 7.396 Tikuna, segundo informações obtidas no Sistema da Atenção à Saúde ao Indígena-SIASI (2015). Por motivos diversos, muitos Tikuna têm optado viver na cidade, migrando inclusive para a capital do Estado. Segundo Baines (2001), cada vez mais os grupos indígenas vêm se organizando, reconstruindo seus territórios, seja em suas terras ou deslocando-se para as cidades, no qual a ida para o ambiente urbano é ocasionada por diversos motivos figurando desde a expulsão dos índios de suas terras, até a sua própria vontade de viver na cidade. (BAINES, 2001)

A instalação do campus foi muito importante para os habitantes dessa região, e principalmente para as etnias indígenas ali presentes, uma política inclusiva que proporcionou a possibilidade do acesso ao nível superior. Segundo Freitag (2012), “ser universitário é uma conquista familiar da maioria: pesa a responsabilidade de ser o primeiro universitário em uma família de pais que não tiveram a oportunidade de ter acesso à escolarização”. Os Tikuna, assim como os indígenas de outras etnias que encontram-se em menor número, passam pelo menos quatro horas diárias no ambiente universitário, desenvolvendo atividades, compartilhando valores e conhecimentos. Os Tikuna provenientes de outros municípios da

região ficam alojados na casa do estudante¹ durante todo o semestre letivo, e aí também estabelecem contato com os demais colegas, sejam indígenas de outras etnias ou não-indígenas.

A motivação para esse estudo partiu principalmente do contato dessa pesquisadora em sala de aula e algumas experiências vivenciadas em diferentes contextos pedagógicos no âmbito do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, na Comunidade Tikuna de Filadélfia, Município de Benjamin Constant-AM, e também no Programa de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR.

O interesse desta pesquisa centra-se nas atitudes que os Tikuna manifestam na situação de contato com a língua portuguesa nos diversos domínios/âmbitos em que eles interagem. Procuramos analisar o seu comportamento linguístico, ou seja, suas escolhas pelo uso das línguas Tikuna ou Português a depender do ambiente comunicativo, assim como suas avaliações subjetivas acerca dessas línguas e de seus usos, tais como os anseios, os sentimentos de solidariedade e lealdade à língua e a sua identidade étnica. Por essa razão, as atitudes e os usos linguísticos mantidos pelo grupo estão estreitamente relacionados, sendo a sua compreensão fundamental para entender a dinâmica do processo do contato entre as duas línguas. Discutidas essas questões, buscamos verificar pelos dados analisados, se os resultados apontavam indícios favoráveis ou não para a manutenção dessa língua indígena. Com uma história marcada pela entrada violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do Alto Solimões, foi somente nos anos 90 que os Tikuna obtiveram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Atualmente, enfrentam o desafio de garantir a preservação de sua língua, de sua cultura e de sua identidade, nesse processo de contato linguístico-cultural com a sociedade envolvente.

O contato diário com a sociedade envolvente e, conseqüentemente, com a língua Portuguesa, pode ser observado não somente pela introdução das novas tecnologias (TV a cabo, computador, celular, internet, etc) na comunidade Tikuna, como também pela crescente necessidade de comunicar-se em Português, seja para receber atendimento médico na UPA², atendimento nos bancos, cartório, casas lotéricas, nos órgãos públicos: como Prefeitura,

¹ O Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB, oferece hospedagem na casa do estudante durante o semestre letivo para aqueles que não residem no Município. Para tanto há a necessidade de comprovação de residência em outro município, entre outras exigências.

² Unidade de Pronto Atendimento

INSS³, SESAI⁴, seja para conseguir um emprego fora da comunidade. E principalmente, na Universidade, em se tratando daqueles que ingressam num curso superior, como é o caso dos participantes dessa pesquisa. Diante dessas necessidades a relação com o “branco” tem cada vez mais motivado o uso do Português nas diversas interações sociais desse povo.

Pelo cenário até aqui delineado, algumas indagações emergiram como instigadoras da pesquisa, a saber: qual o comportamento linguístico adotado pelos participantes nos diferentes domínios/âmbitos sociais de uso das línguas Tikuna e Português? Que fatores influenciam nas escolhas de uso desta ou daquela língua? Que atitudes os participantes da pesquisa manifestam em relação aos seus usos linguísticos e quais as suas avaliações e sentimentos em relação à sua língua indígena? Essas atitudes e comportamentos linguísticos apontam indícios favoráveis para a manutenção da língua Tikuna?

Para alcançarmos esses objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo, em que foram selecionados trinta e três (33) universitários Tikuna, dividindo-os de acordo com os principais grupos de fatores sociais: gênero (feminino e masculino) e faixa etária.

PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO: O CENÁRIO TIKUNA

Por se tratar de uma região que se caracteriza pela diversidade étnica e linguística de sua população, este capítulo dedica-se a apresentar a descrição do cenário geográfico em que os Tikuna habitam, a fim de situarmos nossa pesquisa. Tal explanação é fundamental para o conhecimento da região e da comunidade de onde se originam os participantes envolvidos nesse trabalho. Após situá-los nesse contexto, apresentamos uma descrição sócio-histórica dos Tikuna, para um melhor entendimento da história e cultura desse povo. Faz-se necessário mencionar, que neste capítulo, o procedimento etnográfico também está presente, uma vez que esta pesquisadora reside na cidade e conhece a região. Além disso, aliadas às informações colhidas nos livros, na mídia ou nos escritos etnográficos já existentes, sempre que julgou-se necessário, a descrição foi complementada sob o olhar de quem vive no lugar.

³ Instituto Nacional da Seguridade Social

⁴ Secretaria de Saúde Indígena

Descrição geográfica da localidade da Pesquisa

Segundo dados do SIT⁵, a região do Alto Solimões, inclui nove municípios do Estado do Amazonas: Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutaí e Fonte Boa, com uma área de 214.217,80 Km² e uma população estimada em 211.071 habitantes.

A região encontra-se localizada numa área bem propícia aos estudos sociolinguísticos, pois além da fronteira com países hispânicos, há a presença também de muitas línguas minoritárias.

A região é marcada pela presença de 38 terras indígenas, pertencentes a vários povos, entre eles: Tikuna, Kokama, Marubo, Korubo, Matsés/Mayoruna, Kanamari, Matis, Kulina, Kambeba, Kulina (Madjá). Há também inúmeras comunidades ribeirinhas (pescadores, agricultores, seringueiros, extratores e coletores de modo geral). Suas cidades são de pequeno porte e abrigam populações migrantes da zona rural, da fronteira colombiana e peruana; além de pessoas de outras regiões: profissionais militares, religiosos, etc.

Segundo o ISA⁶, a região do Alto Solimões é conhecida desde o século XVI pelas viagens de militares, religiosos, cientistas e aventureiros e descrita de várias maneiras, cujas imagens criadas por essa literatura variam de acordo com os interesses, mentalidades e espírito das épocas. Neste itinerário de autores encontramos: Diogo Nunes -1538; Carvajal – 1542; Acuña – 1637; Samuel Fritz – 1686-1725; La Condamine 1735-45; e muitos outros cientistas e naturalistas do século XIX (Spix & Martius; Alfred Russel Wallace; Paul Marcoy; Walter Henry Bates); entre outros. No século XX, entre os mais conhecidos estão os estudos de Curt Nimuendajú, Roberto Cardoso de Oliveira e João Pacheco de Oliveira. Vale ressaltar também as pesquisas desenvolvidas na Colômbia e no Peru, como os trabalhos de Jean Pierre Chaumeil, Jean Pierre Goulard, Dimitri Karadimas, Roberto Pineda Camacho e Calos G. Zárate Botía.

O povo Tikuna do Alto Solimões está atualmente dividido, segundo o SIT, em mais de 120 comunidades, que são distribuídas desde a calha do Rio Solimões até o alto dos igarapés e estão próximos aos nove diferentes municípios que compõem o Alto Solimões. Dentre eles,

⁵ Sistema de Informação Territorial

⁶ Instituto Socioambiental

encontra-se Tabatinga, um município brasileiro do interior do estado do Amazonas, região norte do país.

Figura 1 – Mapa da Região do Alto Solimões



Fonte: SIT, disponível em: <http://sit.mda.gov.br>

O município fica localizado na tríplice fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru, no meio da maior floresta tropical do planeta, a selva amazônica. A fronteira com a Colômbia é terrestre, onde o único marco limítrofe é uma haste com as duas bandeiras (do Brasil e da Colômbia), o que faz com que a população local transite livremente entre os dois países como se as duas cidades (Tabatinga-Brasil e Leticia-Colômbia) fossem uma só, como podemos observar na foto abaixo.

Foto 1 – Fronteira terrestre Brasil-Colômbia



Fonte: Carvalho, A. L. (arquivo pessoal da autora)

Já a fronteira com o Peru é fluvial, precisamos atravessar o rio Solimões até a Ilha de Santa Rosa-Peru. O fluxo de pessoas que vêm e vão entre as fronteiras é intenso e constante. Por se tratar de área fronteira, a cidade recebe constantemente novos moradores que aí se estabelecem, por motivos diversos. Dentre eles destacamos o deslocamento de militares das três forças armadas do Brasil: Exército, Marinha e Aeronáutica, que aí chegam com suas famílias para cumprir a sua missão, geralmente, passam um mínimo de dois anos na cidade. Devido a esse constante fluxo, a cidade vizinha de Letícia vem movimentando sua economia, por possibilitar a venda de produtos importados com custo abaixo do valor de mercado do Brasil, dentre eles perfumes, relógios, óculos, tênis, entre outros. Há também bastante frequência de brasileiros nos supermercados de Letícia e vice-versa, pois pela moeda brasileira ter sua cotação em relação ao dólar, acaba o peso colombiano valendo mais que a moeda brasileira, e com isso muitos colombianos também vão às compras nos supermercados no lado brasileiro.

Em Tabatinga-Brasil, principalmente no entorno do Mercado Municipal, que fica nas proximidades do rio Solimões, os peruanos também movimentam seus comércios, vendendo produtos de origem peruana, que chegam do lado brasileiro por um dos principais meios de transporte fluvial nessa travessia, comumente chamado de “rabetão ou rabeta”⁷, há também “deslizador ou balieira”⁸, outra opção mais rápida de se chegar ao destino. Alguns comerciantes peruanos possuem alvará de funcionamento expedido pela Prefeitura da cidade, outros não, o que gera um grande incômodo aos comerciantes locais que pagam impostos de suas mercadorias e concorrem com os preços mais baixos dos produtos ofertados pelos peruanos, os quais supostamente chegam ao Brasil sem passar pelas vias legais.⁹ A perspectiva de montar um negócio e melhorar de vida, tem levado muitos peruanos a migrarem para o Brasil, o fato é que a cidade possui uma população multiétnica, onde aí vivem brasileiros, colombianos, peruanos e indígenas de várias etnias, constituindo-se num campo vasto de pesquisa em estudos de variação e contato linguístico. É nesse cenário

⁷ É um motor de popa com uma ou mais hélices, destinada a possibilitar o deslocamento de canoa ou bote, ou também em alguns navios, em determinado meio aquático, seja em lago, rio, mar, oceano. Consultado em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Motor_de_popa

⁸ Embarcação movida por hélice aérea, desliza velozmente sobre a água. Consultado em: <https://www.dicio.com.br/deslizante/>

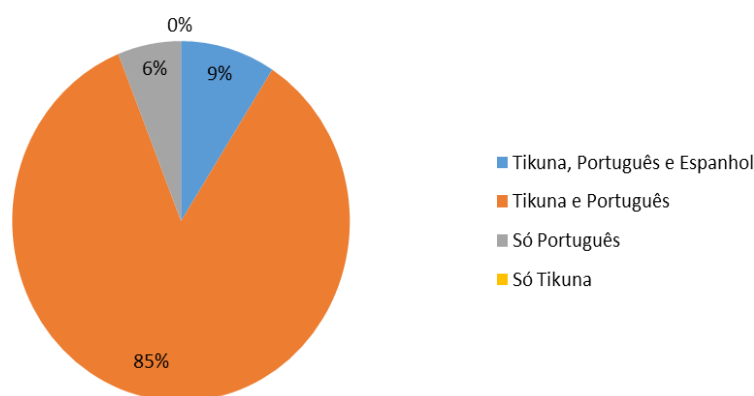
geográfico que encontra-se o grupo étnico Tikuna, destacando-se por ser o de maior representatividade e população na região

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste item apresentamos um recorte dos resultados da pesquisa, cuja a metodologia é qualitativa, de cunho etnográfico, onde o objetivo era discutir as atitudes linguísticas de estudantes universitários Tikuna, na situação de contato Português/Tikuna. Assim, pretendeu-se verificar se as atitudes, usos e comportamentos linguísticos nos diversos domínios/âmbitos em que os Tikuna interagem, apontavam elementos para a manutenção/substituição da sua língua indígena. Para o levantamento dos dados da pesquisa, foram adotados procedimentos etnográficos tais como a observação, entrevista semiestruturada e anotações de diário de campo. Além da aplicação do questionário, baseado na proposta de Lambert & Lambert (1966) para medir as atitudes, de modo a representar os três componentes: o *cognitivo*, o *afetivo* e o *conativo*.

Perfil Sociolinguístico dos Participantes

Gráfico 1 - Que língua (s) você fala?



Fonte: Carvalho, A.L. (a autora)

⁹ A etnografia possibilita conhecer essa realidade. É muito comum preferirmos comprar os produtos oferecidos pelos peruanos, porque além de apresentarem qualidade, o custo é menor do que se compra nos supermercados da cidade. Destacamos produtos como tomate, cebola, alho, frutas, entre outros.

Verifica-se que 85% dos participantes declararam ser bilíngues Português/Tikuna, 9% declararam falar também, além do Português e Tikuna, o Espanhol. Outros dois (02) participantes, que correspondem a 6%, disseram só falar Português, embora se autodenominem Tikuna, nenhum participante declarou falar só Tikuna. Esses resultados constantes no gráfico 1, mostram que a maioria dos participantes se consideram bilíngues Português/Tikuna, embora tenhamos encontrado dois (2) participantes que se autodenominam Tikuna, mas não falam a língua indígena. Sobre esse dado, é importante esclarecer que esses participantes foram convidados para a entrevista, a fim de procurarmos identificar o motivo de não falarem a sua língua, as razões são parecidas, basicamente os pais não transmitiram a língua indígena, por terem tido dificuldade na Escola “do branco” em relação à Língua Portuguesa (L2), além de sofrerem preconceito por serem índios, por isso optaram a ensinar aos filhos a língua Portuguesa e fazer dela a língua de uso.

Esses participantes disseram ter consciência de que há a necessidade de aprender a língua Tikuna (é o que estão fazendo) e preservá-la, o que mostra uma estreita relação entre língua e identidade, pois, segundo eles, se sentem incomodados por não falarem a sua língua indígena.

A decisão de não transmitir a língua étnica aos descendentes ocorre a partir de atitudes negativas para com essa língua (GROSJEAN, 2002). Entre as causas, Fishman (1998) destaca a associação da língua minoritária com o anti-moderno, provinciano, o que se torna um empecilho para a almejada mobilidade social. O fenômeno de pais ajudando seus filhos a serem falantes da língua de prestígio, com o intuito de assegurar o monolingüismo deles, é amplo, e segundo Grosjean (2002) é visto como uma vantagem social, a fim de dissociá-los do estigma social vivido pelos pais.

A presença do Espanhol como língua de uso foi sondada para verificar até que ponto a questão fronteiriça com a Colômbia e o Peru, influencia a veiculação do uso dessa língua nos diversos ambientes comunicativos e nas diversas interações sociais relevantes desses participantes, uma vez que aí eles têm contato com falantes de português, de espanhol e de outras línguas indígenas. Sendo assim, nota-se que, apesar da região propiciar a veiculação de uma língua estrangeira, a maioria deles não sente essa necessidade pragmática do uso do Espanhol em suas interações sociais nos diversos ambientes comunicativos que frequentam na comunidade e fora dela. Pelas nossas anotações de campo, eles só usam o Espanhol quando a necessidade impõe, até porque quando atravessamos a fronteira, seja do lado colombiano ou

peruano, não necessitamos obrigatoriamente falar o Espanhol. A comunicação geralmente ocorre cada qual usando a sua língua, para o Tikuna nesse caso, a língua de comunicação é a língua Portuguesa. Raramente a interação se dá na língua do país em que nos encontramos naquele momento e quando acontece, geralmente é no portunhol.¹⁰

Diante desses resultados, os participantes dessa pesquisa se identificam, em sua maioria como bilíngues Português/Tikuna, encontramos dois (2) casos de monolingüismo (Português) e três (3) se consideram plurilíngues Português/Tikuna/Espanhol.

Por esse motivo, o bilíngue aqui foi identificado sob o viés do bilingüismo social em que duas línguas são usadas nos mesmos espaços socioculturais, amparando-nos no que conceitua Hamel (1988): bilingüismo social é a coexistência ou copresença de duas línguas nos mesmos espaços socioculturais (HAMEL, 1988, tradução nossa). Nessa perspectiva, atribuímos aos Tikuna, a condição sociolinguística de bilíngues, visto que uma comunidade bilíngue é aquela em que se falam duas línguas, ou em que seus membros, ou parte deles, são bilíngues.

Domínios de uso das línguas Tikuna e Portuguesa

Autores como Weinreich (1970 [1953]) e Fishman (1972) distinguiram, cada um, um número diferenciado de domínios/âmbitos de uso da língua, nessa perspectiva as funções das línguas em uma comunidade bilíngue, podem ser analisadas e classificadas de diferentes modos. Sendo assim, a divisão em domínios específicos, segundo os autores, é que caracteriza a diglossia, um importante fator a se considerar na análise da manutenção de uma língua minoritária.

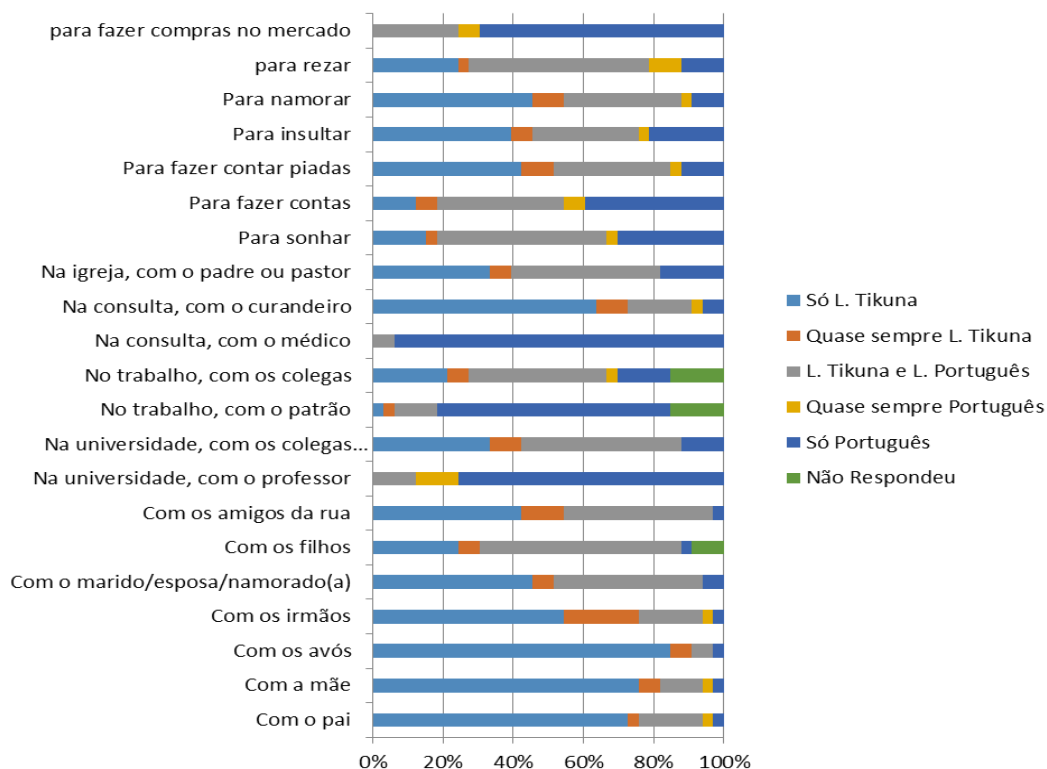
Para Fishman (1972), os domínios sociais correspondem a “construtos socioculturais”, os quais devem ser identificados a partir de uma análise empírica da realidade da comunidade estudada. Assim, delimitamos os domínios em que o referido grupo se move entre a duas

¹⁰ Entende-se por portunhol, nessa região, à tentativa de se comunicar na língua do país vizinho, onde não há o domínio na língua, e acaba-se por misturar estruturas de uma língua que não existe na outra. Alguns exemplos: no português copo, no portunhol cuepo; coca-cola/cueca-cuela; no espanhol cerveza fria, no portunhol cerveza gelada. Entre outros, que ouvimos diariamente nesse contato com o espanhol e vice-versa. (Esclarecemos, que por se tratar de pesquisa de cunho etnográfico e por essa pesquisadora ser natural da e morar na região, as nossas observações são subjetivas, tratadas empiricamente, e contadas sob o olhar de quem vivencia cotidianamente essas situações).

línguas, ou seja, os locais onde acontecem as interações, que vai desde o ambiente doméstico (família) ao ambiente mais formal, no caso a Universidade.

A seguir, apresentamos a discussão do domínio doméstico, onde obtivemos um resultado que evidenciou um possível recuo da língua Tikuna nesse âmbito.

Gráfico 2 – Que língua (s) usa?



Como podemos observar nesse recorte, os domínios em que se privilegiam o uso da língua Tikuna são “com o pai”, “com a mãe”, “com os avós”, “com os irmãos”, “com o marido/esposa”, “na consulta, com o curandeiro”, “para contar piada”, “para insultar” e finalmente “para namorar”, o que nos leva a atestar que no ambiente doméstico, a língua Tikuna vem sendo a língua de uso predominante e corrobora com as observações que são possíveis de se realizar quando adentramos na Comunidade para comprar produtos agrícolas ou mesmo quando estamos a passeio de motocicleta pelas ruas da comunidade, já que o trânsito é livre dentro da aldeia e podemos observar mesmo que informalmente, o dia-a-dia da comunidade. Observa-se as crianças brincando e falando na língua nativa, os Tikuna caminhando nas ruas da comunidade e usando sua língua, ou mesmo quando passam de

motocicletas¹¹ é possível ouvir que estão falando na sua língua, as famílias reunidas nas varandas de suas casas interagindo em Tikuna, enfim no cotidiano da comunidade é possível identificar que a língua Tikuna está em uso.

O Português na Comunidade é usado na interação com o branco, às vezes para responder a alguma pergunta e nas transações comerciais, como já foi dito anteriormente. Entretanto, na cidade eles precisam se comunicar na língua majoritária, quando vão a bancos, supermercados, prefeitura, entre outros domínios linguísticos. O fato é que comumente podemos observar suas interações nesses ambientes, e é possível afirmar que com o branco¹² eles usam a língua Portuguesa, visto a necessidade de comunicação, mas entre eles, mesmo no âmbito da cidade, se comunicam na sua língua indígena. É comum vermos nos bancos essa dinâmica, principalmente em época de pagamento de aposentados, onde os mais jovens acompanham os mais velhos para ajudá-los a lidar com as máquinas e nessa interação o uso da língua Tikuna se faz presente.

Nesse direcionamento, o fato do grupo continuar usando a língua indígena entre eles, na presença de um monolíngue em Português, nos dá indícios de que haja uma motivação individual e subjetiva por trás desse comportamento. Ou seja, percebe-se que hoje eles não demonstram mais “vergonha” em usar a sua língua fora da Comunidade, e isso pode ser muito positivo para a sua manutenção.

Diante desse resultado, é possível afirmar que a língua Tikuna prevalece como a língua de interação no ambiente doméstico, bem como no interior da Comunidade e, embora na cidade, a necessidade de comunicação com o branco imponha o uso da língua Portuguesa, a língua Tikuna não deixa de ser usada quando eles interagem entre si.

Os domínios em que prevalece o uso das duas línguas são “com os filhos”, “na Universidade, com os colegas”, “para sonhar”, “na igreja, com o padre ou pastor” e, conseqüentemente, “para rezar”.

A mudança de uma língua, segundo Fasold (1996), refere-se, simplesmente, ao fato de uma comunidade abandonar totalmente sua língua em benefício de outra. De acordo com o autor, um dos sinais de que está ocorrendo uma substituição de uma língua por outra é quando uma comunidade linguística passa a empregar uma nova língua em domínios/ âmbitos antes reservados à sua língua materna. Entretanto, em nossos dados, nota-se que no domínio

¹¹ A motocicleta é o meio de transporte mais usado na região. Lá costumamos dizer que “o tabatinguense já nasce em cima de uma moto.”

¹² Essa denominação será usada para definir o não-indígena.

doméstico (com o pai, com a mãe, com os avós, com os irmãos, com o marido/esposa), onde espera-se que a língua materna tenha uso privilegiado, a língua indígena vem se sustentando com predominância e não apresenta, no momento, sinais iminentes de uma possível substituição linguística.

Porém, nesse mesmo ambiente no uso com os filhos, há de se considerar um possível recuo da língua Tikuna, já que até a segunda geração, o uso da língua indígena era predominante nesse âmbito e no momento, conforme confirmam nossos dados, vem dando espaço igual à língua Portuguesa.

Appel e Muysken (1996) afirmam que, em grupos bilíngues, cada vez mais falantes usam a língua majoritária em âmbitos em que antes era empregada a língua minoritária, tais como as conversações familiares. Esses indivíduos adotam a língua majoritária como veículo habitual de comunicação, quase sempre porque esperam que essa nova língua proporcione melhores oportunidades de mobilidade socioeconômica: “é preciso apresentar-se como membro da sociedade dominante para adquirir uma posição. (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 51, tradução nossa).¹³

O bilinguismo em quase todas as situações minoritárias é uma fase da substituição. Neste caso, trata-se do âmbito doméstico (no domínio com os filhos), onde os Tikuna parecem estar recuando, pois os dados nos fornecem indícios de que para eles é tão importante que seus filhos dominem o Português quanto a sua língua indígena, principalmente pela questão da mobilidade socioeconômica.

Weinreich (1970 [1953]) explica que, quando um grupo falante de uma língua está em contato com outro grupo falante de outra língua, as idiosincrasias tendem a anular-se mutuamente, enquanto que os atos de fala socialmente determinados e os processos característicos de um grupo como um todo se tornam significativos.

Assim, nos domínios discursivos em pauta, percebe-se o quão os Tikuna se movem entre as duas línguas e as privilegiam de acordo com as situações de fala e com os seus respectivos grupos de referência. Essa mobilidade de uma e outra, a depender das interações sociais realizadas, podem ser positivas para a manutenção da língua Tikuna.

¹³ “es preciso presentarse como miembro de la mayoría nacional para adquirir una posición.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a teoria sociolinguística pautar em seus estudos a análise da língua dentro do seu contexto social, pode-se presumir que há muitas variantes atuando sobre as línguas, sejam elas internas ou externas. Então, para analisar o contexto sociolinguístico dos Tikuna foi preciso tomarmos conhecimento de uma série de questões teóricas, tais como: a relação língua e sociedade, o contato linguístico que por sua vez nos remeteu aos conceitos de bilinguismo e conflito linguístico e as atitudes linguísticas que também nos direcionou aos conceitos de identidade e etnicidade, dentre outros.

Por se tratar de uma região que se caracteriza pela diversidade étnica e linguística de sua população, este trabalho buscou analisar as atitudes linguísticas dos Tikuna, no contato com a língua Portuguesa. Diante desse contexto, procuramos verificar como encontrava-se a atual situação dessa língua indígena nesse cenário, seus usos, sua função social, entre outros.

Traçados os objetivos e delineados os pressupostos que fundamentaram essa pesquisa, partimos para a descrição e análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, para tanto, além do questionário aplicado, foi fundamental lançarmos mão dos procedimentos etnográficos, que por sua vez nos possibilitaram uma análise mais completa do estudo em questão. Feito isso, os dados contidos no questionário foram tabulados, as entrevistas foram complementando algumas informações que precisavam ser elucidadas, a observação nos proporcionou uma visão subjetiva dos fatos, mas ao mesmo tempo esclarecedoras e as anotações de campo foram fluindo a partir de nossas observações e contato com os participantes da pesquisa.

Nesse recorte, apresentamos os dados obtidos quanto ao perfil sociolinguístico dos Tikuna e seus usos linguísticos no ambiente doméstico. Desse modo, de maneira geral, chegamos à conclusão de que a língua Tikuna, apesar do contato intensivo com a língua Portuguesa em diversos âmbitos linguísticos, vem se mantendo, pois é uma das principais marcas identitárias dos Tikuna. Nesse sentido, a passagem da língua Tikuna para as próximas gerações tem garantido a sobrevivência dessa língua. As atitudes manifestadas são de modo geral, positivas, em relação à língua Tikuna. Eles demonstram ter para com ela um forte sentimento afetivo e a relacionam como símbolo de sua identidade étnica. O fator econômico é um dos mais enfatizados em suas escolhas, no sentido da mobilidade social, pois é necessária para atender às demandas atuais como conseguir um emprego, ingressar em uma

Universidade, entre outros. Foram encontrados dois (02) casos de monolinguismo em Português e dois (02) casos de bilinguismo simultâneo.

Após confirmada a condição de bilíngue do grupo, passamos a analisar os usos linguísticos, já que eles se movem entre duas línguas em diversos âmbitos sociais. Para tanto, montamos uma enquete que possibilitasse conhecer em que contextos de usos eles dispunham dessa ou daquela língua, ou de ambas. Por essa razão, foram considerados diferentes domínios desde os informais até o mais formal, conforme consta no gráfico 2, deste trabalho. Entretanto, nesse recorte, discutimos apenas os resultados quanto ao ambiente doméstico.

Os resultados nos mostraram que, no ambiente doméstico os Tikuna vêm usando a sua língua, predominantemente esse uso se dá com os avós, com os pais, com os irmãos, com o marido/esposa. Entretanto, nesse mesmo domínio, nossos dados apontaram uma certa mudança de atitude com relação aos filhos e, devemos considerar um possível recuo da língua Tikuna, já que até a segunda geração, o uso da língua indígena era predominante nesse âmbito e, conforme indicaram nossos dados, eles vêm dando espaço igual à língua Portuguesa no uso com os filhos. Pelas justificativas apontadas pelos pais nessa escolha, percebemos que o fator econômico está muito ligado a esse comportamento. Embora, eles tenham a consciência de que há a necessidade de preservar a sua língua, o poder econômico da língua Portuguesa é evidenciado em suas atitudes.

A comunidade, a atuação de suas lideranças, as ações da OGPTB¹⁴ e o projeto de uma educação escolar indígena diferenciada são caminhos para manter a língua e a identidade Tikuna, mas não podemos definir como será este futuro, nesse caso, só o tempo e as novas gerações é que poderão indicar. De nossa parte, enquanto sociedade envolvente, cabe o reconhecimento e o respeito às diferenças, que nesse caso possam ser traduzidas no respeito ao povo Tikuna e às suas marcas identitárias: a língua e a sua cultura.

REFERÊNCIAS

APPEL, R.; MUYSKEN, P. Bilinguismo y contacto de lenguas. Trad. Anxo M. Lorenzo y Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

BAINES, Stephen G. As chamadas “aldeias urbanas” ou índios na cidade. Revista Brasil Indígena - Ano I - Nº 7 Brasília/DF - Nov-Dez/2001.

¹⁴ Organização Geral dos Professores Tikuna Bilíngues

FASOLD, R. La sociolingüística de la sociedad; introducción a la sociolingüística. VILLASANTE, M. E; ALBERDI, J. M. (Trad.) Madrid: Visor Libros, 1996.

FISHMAN, J. A. Language and Ethnicity: The View from Within. In: COULMAS, F. (ed). The Handbook of Sociolinguistics. Blackwell Publishing, 1998.

_____. *The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

FREITAG, R. M. K. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolingüística. In: *Anais do II Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolingüística – CIDS*, p. 289-296, 2012.

GROSJEAN, F. Life with two languages: an introduction to bilingualism. 11ª impressão. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2002.

HAMEL, R. E. La política del lenguaje y el conflicto interétnico: Problemas de investigación sociolingüística. In: ORLANDI, E. (ed.). Política Lingüística na América Latina. Campinas, Pontes, 1988. p. 41-74.

ISA. População Ticuna. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ticuna/1344> - Acesso em 15/05/2016.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

SECRETARIA DE SAÚDE INDÍGENA. Regional Alto Solimões. Sistema de Atenção à Saúde ao Indígena-SIASI, 2015.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES TERRITORIAIS. Disponível em: (<http://sit.mda.gov.br>).

SOARES, Marília Facó. Língua/linguagem e tradução cultural: algumas considerações a partir do universo Ticuna. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 1, p. 51-63, jan.-abr. 2008.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. New York: Linguistic Circle of New York, 1970 [1953].

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Figura 1: SIT, disponível em: <http://sit.mda.gov.br>

Foto 1: CAR VALHO, Ana Letícia

Gráficos 1 e 2: CARVALHO, Ana Letícia